

ESBOÇO

QUE O PENSAR DOS OUTROS e o meu próprio pensar, que também o que se via, e sentimentos, atos, e o que me circundava, a mim, e aos outros, era apenas Esboço, foi a única nitidez que consegui expelir em toda a vida esboçada. Por isso, a tudo o que diziam, eu repetia Esboço. Inimitável, eu mesmo, Riolo, ria muito depois de repetir infundáveis Esboço. A cólera de tantos, da mulher também, dos filhos, dos amigos fez com que eu risse menos, e em muitas tardes quando me doía esse pra frente re-puxar da boca quando dizemos esboço, eu chorava de uma dor gerida mas ainda esboçada, Riolo, meu Deus, como foi que te fizeram compreender um muito longe de ti, antes afastado, um ponto luzoso no vazio do espaço? Ele caduca, quer nos matar, faz-se de bobo, está louco, e eu de joelhos escrevia nos papéis amarelos Parem Parem, e repetia intermináveis Esboço. Como não perceberam o que eu, Riolo, percebi? E por que para mim foi desenhado, como se um fio de prata sozinho se torcesse, uns diagramas perfeitos redizendo: Riolo, o em ti, o para os outros, nos outros, na treva da tua víscera, no que denominas luz ou seu avesso, apenas isto, Riolo, Esboço. Torci-me muito de gozo assim que compreendi, mas aos poucos fui emitindo um grunhir quente, pesado, um ranger de todos os Riolos, dementes alguns e muitos outros feitos de eloquência e bem por isso mais loucos, cegos alguns, surdos, outros de córnea matutina, de bom labirinto, ah que perfeito labirinto o deste ouvido, nem por isso menos cegos menos surdos esses de boa córnea, de ecoante labirinto. Guinchos pequeninos nuns descansos do grunhir fizeram com que a mulher me sacudisse, ela nuns gritos claros RIÔÔLÔÔ e depois fervilhante, apressada, guizo na ladeira despencando, centenas de palavras atulhando o buraco do meu ouvido diz o

que é desenha a óleo a guache ponta-seca a lápis, cospe mas desenha que coisa deu em ti, éramos felizes não éramos? eras feliz, não eras? tens filhos, amigos, Riolo, esboça o teu esboço, chamo o Mora? Eu digo Esboço. Mora Fuentes, o mais amigo, o único que parece suspeitar porque eu o digo, começa: quantos anos tem a Terra? quatro bilhões de anos ele mesmo responde, pois é, e todo esse tempo a gente não era, não é Riolo? Esboço. Ele diz pois é, e ainda assim o que eu digo, o Mora continua, pode não ser verdade, talvez éramos em algum outro lugar, algum outro tempo, tempo? espaço? espaço-tempo? e como é que nós éramos quando não éramos, ou quando sim, lá onde não se sabe? Riolo-Mora. Duas fontes. Uma, de dois nomes. Ainda assim devo repetir Esboço. Antes acreditava que o à minha volta era não só perceptível mas podia ser pungente ou efusivo, musical dentro do pungitivo, Riolo acreditava que havia realidade em visões e sentires, também por isso acreditava que havia logicismo, harmonia, sensatez na cadeia de palavras, no fio de meia, na velha harpa. Toca, diz a mulher. Dedilha. A harpa na minha cara. Os dois filhos babões, prancha de praia, as nádegas tostadas, os miolos também, toca pai, antes tocavas. E sentado, mínimo, digo Esboço, porque ainda que eu quisesse regressar não quero, a fricção do outro habitante, o que conheceu comigo as contorsões do fio de prata, faz com que Riolo estale de centelhas, estou dentro do fogo, vejo novo, estalado dou guinchos, os pequeninos, rio um pouco, reflexionante bosquejo largo no vazio, emito acordes curtos, suspensos, e fundas escalas saídas da raiz de uma funda medula

meu Deus, ele grunhe
dorme quem sabe, mãe
idiota, ele morre

Digo Esboço baixinho, escrevo Parem, parecem não compreender que as muitas falas, as contínuas bicadas, ferem o topo do meu alto osso, falam acima da minha cabeça, mais mínimo, curvado, repetindo Esboço, examino-lhes pés e sandálias, dedos azulados da mulher, unha quadrada dos meninões, meus filhos, a tábua branca colada ao corpo, como todas as manhãs vão à praia

torcendo alongando coxas quadris e dorso, irão eternamente à praia, um borbulhar de águas também nas embaçadas almas. Riolo-mulher que coabita em mim, sabe que os pariu, repete Esboço, e menos informada porque carrega sacos de pedra há milênios sobre as omoplatas, adjetiva grosso: filhos esboço da puta que os pariu, menos formal, Riolo-mulher, língua-lixa de sal, sabe que pariu os salerosos, dois bamboleios aguados, para isso foi preciso vida inteira e atos, para que existam assim exatos como estão, encharcados de oco, oco sem o eco vitorioso das descobertas, água oco sal, filhos os dois, de mim, sêgregando vaidade, para que existam assim exatos como estão encharcados de oco, Riolo-mulher trancou sua alma num cotidiano de incoerências, num falar falacioso, pretendeu delírio e sagrado muitas vezes contando o antigo dos fatos, olhou os olhos vazios das suas duas estátuas, momismos, e Riolo-mulher pergunta: tudo isso há? Isso à volta, filhos, mulher, casa, há? Turvez de onde, de que Riolo antepassado? O meu estar aqui, escolhido por mim, roteiro de penitência, chega a seu termo nos meus quase sessenta por que vi o Esboço? Ou agora é que começa? Riolo, agora é que começa a ânsia de um traçado claro, recuso-me palavra, ato, ira ou afago porque em todos esses concretos acrescentarei outros Riolos justapostos, não quero, mais oco mais água e sal descarnando as feridas, Esboço Esboço grunhidos guinchos, tiro a lua do lago, que quentura no peito, que mornidão nos pés voltamos da praia, mãe

o pai de vocês, no mesmo estado
e se ele esboçasse o tal esboço?

já tentei

tenta outra vez, mãe, papel e lápis
e cara de ameaça

Entram na sala os três, eu recostado, a lua me adoçando as pálpebras, levantam-me aos trancos
vais desenhar, Riolo, nem que eu morra, vais desenhar o que tu queres dizer com a maldita palavra
anda, pai, faz força, toma

Olho as três caras, ah, Riolo, nunca mais amornado e perfeito em reflexiva e opulenta fruição, obedeço, faço uma linha fina que me parece trêmula, paro, não, não estão satisfeitos, estendo em altura finura e tremulez, me parece linha muito delicada, olham abestados, dizem dura, eu digo Esboço, e calo-me desta vez para sempre, recosto-me de novo, palor e paraíso-mudez na minha sala.